



Aaron Fischer

Carlos Sotto Mayor

Cap.5

Aaron Fischer



CAPÍTULO 5

MISTERIOSOS DESCONHECIDOS

Meses antes da tentativa de sequestro de Aurea...

Um garoto magro, que não poderia ter mais de dez anos, envolto em um manto marrom surrado até seus joelhos, deixando seu rosto escondido nas sombras, andava ao lado de uma mulher e um homem extremamente altos, trajando roupas similares, duas sombras gêmeas, diferenciados apenas pela manga direita solta na roupa da mulher, evidenciando a ausência do seu braço. Para qualquer um que olhasse, se tratava apenas de uma família menos afortunada andando pelo próspero e belo mercado da cidade Elemental de Orken.

A cidade subterrânea de Orken, assim como Lysmat, era considerada uma das grandiosas cidades Elementais do Império. Estava encrustada no centro do deserto de Arasaah, que dividia o território imperial ao meio, indo de costa a costa. A cidade se tornou um grande entreposto comercial, sendo ponto de parada obrigatório para todos que desejam ir do norte ao sul ou vice-versa.

Diferentemente do restante das grandiosas cidades Elementais, Orken não possuía muralhas, sendo protegida por uma complexa rede de tuneis fortemente vigiada pela guarda da cidade. O tom alaranjado garantido pelo terreno arenoso e seco, assim como a poeira que parecia pairar eternamente sobre a cidade, faziam contraste com as opulentas pirâmides e casas recobertas de metais e pedras preciosas. A arquitetura do lugar era diferente de qualquer coisa que existia no

planeta, com construções saindo do teto e das paredes, cachoeiras artificiais caíam sobre praças e jardins públicos, suavizando o calor do local. Estas eram alimentadas pelos aquíferos subterrâneos que permitiam o clima próspero da cidade e haviam sido a razão para que os fundadores de Orken a tivessem construído debaixo da terra.

Furos no teto, que davam para o exterior, aliados a um engenhoso sistema de espelhos, garantiam a iluminação da cidade, que parecia vibrar com pessoas comprando, vendendo e prestando os mais diversos tipos de serviços. Existia um ditado famoso no império, que dizia: “se algo não podia ser comprado no mercado de Orken, era porque não existia mas, se você soubesse procurar, não existia nada que não pudesse ser comprado. ”

Outra peculiaridade de Orken era sua receptividade, todos eram bem-vindos, não importando se eram Comuns, Elementais ou criaturas rúnicas, se tivessem o tino para o negócio e disposição para o trabalho conseguiam prosperar na “mina do deserto”, como também era conhecida.

As guildas governavam a cidade em um sistema paralelo ao Império, sendo os verdadeiros donos do lugar. Foram elas quem lideraram a cidade antes da formação do Império, e como diziam, seriam elas quem continuariam a comandá-la muito depois dele cair. O Império, na maior parte do tempo, deixava a cidade em paz, ignorando as insubordinações do lugar, graças aos altos impostos pagos pelos mercadores e pelas próprias guildas.

As cinco Guildas dos Fundadores eram quem realmente detinham o controle do lugar, dando pouco espaço para que outras guildas e comércios prosperassem sem sua proteção, e esta proteção vinha

com um custo financeiro alto, mas necessário.

O destino das três figuras misteriosas era justamente uma delas, a Guilda dos Exploradores:

– Vamos, Nomed. Precisamos estar lá assim que o Sol se pôr. – O homem alto e magro puxou o garoto com delicadeza, seguindo a mulher que havia tomado a frente, apertando o passo. – Você está lembrado do nosso plano?!

– Óbvio que sim. Não precisa se preocupar, eu não sou uma criança, apesar de parecer uma. – O garoto tinha um tom de voz sinistro, sóbrio, que não podia pertencer a alguém de sua idade.

– Só estou me certificando...

Os três caminharam calmamente por entre o movimentado mercado, não se detendo para apreciar todas as maravilhas e curiosidades colocadas na frente de seus rostos pelos insistentes vendedores. Após mais de meia hora, finalmente conseguiram atravessá-lo, chegando à câmara onde ficavam as renomadas guildas. Cinco Prédios encrustados nas gigantescas colunas, responsáveis por sustentar o teto daquele compartimento da cidade.

Ali, as ruas já eram menos movimentadas e muito mais silenciosas, a gritaria e cacofonia de sons e cores ficava para trás, dando espaço para pessoas trajando roupas mais pomposas, e tinham uma decoração menos chamativa. O chão de mármore parecia reluzir, sem sinal da poeira do lugar. À medida que avançavam em direção ao pilar central da Cidade de Orken, surgia um gigantesco cilindro irregular de pedra, com mais de cem metros de diâmetro e cinco vezes isso em altura. Lá ficava a Guilda dos Exploradores, local onde deviam

encontrar Kompas, o Pioneiro.

O interior do prédio era suntuoso, uma cachoeira caía do vão central do saguão da recepção fazendo um barulho suave e reconfortante, ajudando a manter o lugar em uma temperatura agradável. Ao redor dela, ficava um belo jardim circular, com plantas e animais característicos do ambiente seco. Palmeiras gigantescas, cactos coloridos e diferentes, assim como belas e grandiosas aves de rapina. Em um corredor de mármore, que envolvia o paisagismo, ficava um balcão de ouro maciço, tomado por recepcionistas.

O lugar era mais movimentado do que as ruas do lado de fora, no entanto, mantinham uma rígida organização, com guardas vestidos em uniformes cor de cobre e lanças douradas patrulhando atentamente.

A mulher alta e esguia sabia para onde deveria se encaminhar, não parando um segundo para olhar ao redor, indo diretamente até o único ponto de atendimento sem nenhuma fila e, coincidentemente, sem nenhum atendente.

Olhando para a cadeira alta de madeira, como se tivesse alguém ali, ela falou em um tom de voz normal, por debaixo de seu capuz, que deixava a vista apenas uma mecha de seus cabelos extremamente pretos:

— Eu procuro o que não existe, em um lugar onde não está. — Ela tirou uma moeda de ferro, com entalhes estranhos, de algum lugar de sua túnica e a depositou na mesa a sua frente.

Passaram-se alguns segundos sem que nada acontecesse, até que a moeda sumisse sem emitir barulho algum, e a porta que dava para o outro lado do balcão se abrisse, como se os convidasse a entrar.

Confiante, ela sinalizou para que a seguissem, cruzando a linha do balcão. Assim que pisaram do outro lado, puderam ver uma mulher extremamente velha, com as costas recurvadas e óculos grossos, que aumentavam seus olhos, lhe dando um ar insetóide. Apesar do calor, ela vestia um fino casaquinho vermelho, sobre longas vestes pretas. A mulher se levantou, saltando do banquinho, deixando clara sua baixa estatura, e os olhou com um sorriso:

– Faz tempo que não recebemos visitantes aqui na Coluna Magna, sim, sim... faz bastante tempo. Vejo que trazem uma das moedas entregues ao Exército Negro pelo senhor Kompas – A senhora girava a moeda entre os dedos com habilidade. – Vocês fazem parte do Exército Negro?

A mulher alta olhou ao redor, preocupada pela quantidade de pessoas que os cercavam. Ela sabia muito bem que as paredes tinham ouvido, então apenas concordou com a cabeça.

– Não se preocupe garota, os outros não nos podem ver nem ouvir. E o que o Exército Negro quer com o senhor Kompas, depois de tantos anos desaparecido, se não se importam que eu pergunte?

– Nós temos uma proposta a fazer. Algo de profundo interesse dele.
– O seu tom de voz continuava neutro e calmo.

A senhorinha deu uma risada simpática antes de responder:

– Acho difícil... Não acho que esta moeda valha mais o que um dia valeu, no entanto, ela ainda garantirá que ele os receberá. Me sigam...

Ela os levou por uma nova porta através de um longo corredor, até uma plataforma quadrada de metal polido e reluzente, flutuando em um vão iluminado por duas trilhas de um ferro incandescente,

que pareciam seguir infinitamente para cima e para baixo.

A senhora indicou para que subissem na plataforma, os acompanhando logo em seguida. Ela deu duas batidas firmes contra o metal, e este começou a descer suavemente no começo, ganhando velocidade à medida que o tempo passava.

Depois do que pareceu uma eternidade para o impaciente garoto, eles finalmente pararam no piso mais fundo do lugar, a cerca de um quilometro de profundidade. O andar era composto por uma grande câmara vazia de cerca de cem metros de comprimento por dez de largura, com as paredes feitas das mais diversas ligas de metal, dando um tom diferente ao lugar, que levava até uma porta dupla de ferro fundido com um mapa entalhado em alto relevo, o qual eles nunca haviam visto.

Quando estavam a alguns poucos metros da porta, um velho de olhos esbugalhados e pele escura coroada por um sorriso, com cabelos brancos, desgrenhados, uma densa barba por fazer e um ar perturbado, colocou a cabeça para fora – WILMA!!! Há quanto tempo! Entrem, entrem!

– Kompas! – uma certa melancolia podia ser ouvida na voz da senhora – eu não posso, tenho que voltar ao trabalho. Apenas trouxe estes visitantes, e eles tinham isso. – Ela mostrou a moeda, a depositando em suas mãos.

– Que pena, você devia descer de vez em quando para tomar um café! – O velho não parecia nem um pouco decepcionado.

A secretaria se virou para ir embora e antes de partir, mostrou qual elevador levaria até a recepção.

O animado guia abriu o resto da porta revelando seu corpo surpreendentemente musculoso e em forma. Ele não parecia se importar com o fato de estar vestindo apenas uma túnica branca folgada, que balançava constrangedoramente junto com suas partes íntimas a cada passo que dava.

A sala era enorme, com mais de um quilômetro quadrado, feita na forma de uma cúpula. Um infinito número de mapas podia ser visto nas prateleiras que recobriam as paredes por completo, até o teto, além das inúmeras cartas espalhadas pelas mesas que ocupavam o lugar. O cômodo parecia mais uma biblioteca do que uma sala para receber clientes.

O homem mais velho se moveu rapidamente até uma espécie de poleiro, no centro da sala, onde ficou equilibrado em um pé só, com um sorriso sem sentido no rosto, olhando para eles:

– Então, meus jovens, em que posso ajudá-los? – O velho continuava com seus olhos totalmente abertos e o sorriso animado no rosto enquanto se pendurava a alguns metros de altura à procura de mais um mapa. A sua genitália ainda balançando levemente.

– Kompas, o Pioneiro, estamos aqui em nome do Exército Negro, e temos uma proposta a lhe fazer... – A mulher tinha um tom duro, pouco apropriado para a situação.

– Hmmm... Não acho que esteja interessado nas coisas de vocês.

– Não é algo apenas de nosso interesse, está mais para um interesse mútuo.

– Da última vez que isto aconteceu, deu uma merda grande. Não estou com muita vontade de mergulhar na merda de novo... Quer

dizer, tirando o meu banho semanal no estrume de camelo-de-água, mas isso faz bem para minha pele, então não conta... – Kompas, fez um sinal, como se aquelas palavras finalizassem a discussão.

– Vamos Kompas, nem tudo foi ruim, e como eu disse, é algo que você vai gostar de saber!

– Eu sei, e justamente por isso, eu não quero saber... Como disse, eu já tenho meu banho de merda programado para próxima semana, então acaba que minha agenda fica cheia para vocês. – Kompas se divertia com suas respostas, mas já começava a perder a paciência.

– Você nos deve, Kompas, afinal não é isso que aquela moeda significa?! – A mulher tomou um tom mais agressivo, dando um passo à frente e assumindo uma posição ameaçadora.

Kompas apenas revirou os olhos, como se os três não passassem de crianças enchendo seu saco.

– Eu não devo mais nada a vocês, perguntem a Yshma, aquela linda.

– Você pode até não dever nada a eles, mas com certeza me deve algo! – O garoto tomou a frente, fazendo ambos os adultos olharem para ele surpreendidos. Claramente aquele não era o plano que haviam traçado, no entanto, ele não se importava. A raiva emanando de seu corpo, em ondas do seu poderoso e amedrontador SjäL.

O serelepe homem parou onde estava, pendurado pela mão em uma das estantes inclinadas para o chão, quase no topo da cúpula de pedra, dando uma bela gaitada. A sua risada era diferente, profunda.

– Vamos garoto, eu já demorei mais tempo cagando do que você vivendo... não acho que eu te deva nada.

A mulher podia sentir que a situação estava muito perto de sair de controle. Nomed, como se chamava a criança, perdia a calma muito facilmente em situações tensas, ela sabia que aquele menino ia de tranquilo a fúria assassina em poucos segundos.

— Acho que você deveria nos escutar, Kompas.

— Eu duvido muito que este seja um bom conselho... – Ele deu uma risadinha de sua própria piada. – Além de que, já estou um pouco velho para ser babá, e quem tem filho grande é baleia. Agora, vocês já estão me irritando, devem saber que as pessoas idosas têm a paciência curta, e a minha já chegou ao fim... então se puderem se retirar, eu agradeço. E fechem a porta!

Ele tornou sua atenção para as suas cartografias, esquecendo por completo a presença daquelas pessoas estranhas na sua sala, até sentir a energia Elemental macabra do menino se expandir ainda mais, estranhamente poderosa para alguém daquela idade.

Nomed estava parado no mesmo lugar, com o capuz baixo, encarando o velho com um desejo assassino. Seus olhos eram de cores diferentes, um vermelho como sangue recém-derramado e o outro azul claro brilhante, como a cor do céu na parte mais próxima do Sol. Sua pele e cabelo eram tão brancos quanto leite, de um aspecto pouco saudável. Na sua testa estava gravado a fogo, em uma cicatriz negra e afundada, um pentagrama, com um olho de pupila vertical marcado em seu centro. Rodeando o desenho, ficavam caracteres antigos e há muito esquecidos, formando uma espécie de linha de cada lado da gravura, que chegavam até o couro cabeludo.

Kompas não se abalou pelo ímpeto assassino no olhar do garoto e muito menos por sua energia, porém, quando pousou os olhos naquela

marca, a sua alegria sem sentido e seu olhar lunático desapareceram, ele finalmente se soltou, aterrissando no chão sem fazer barulho. Assim que seus pés tocaram a pedra, sua mente foi invadida por memórias de vinte anos atrás:

“O cheiro pútrido foi a primeira coisa que lhe invadiu, mas algo em seu âmago já lhe dizia o que estava prestes a ver, muito antes de ele chegar ali.

Fazia meses que estavam naquela expedição, o Exército Imperial pagou uma fortuna para sua guilda, algo muito além do valor de mercado, para que ele conseguisse localizar a tribo nômade Sese'd, nos territórios recém-conquistados. O procuram, porque sabiam do seu interesse pela tribo, dos seus estudos, lhe prometeram mundos e fundos e ele partiu em busca dos lendários Sese'd. Depois de meses, ele finalmente conseguiu localizá-los, em um vilarejo comum, na borda norte da Floresta, que viria ser conhecida como cemitério dos deuses.

Kompas e o destacamento do Exército Imperial designado para aquela missão, acamparam a poucos quilômetros da vila, onde esperariam o Sol nascer, para finalmente conhecer os Sese'd, no entanto, quando ele acordou na manhã seguinte, não havia mais ninguém no acampamento e a fumaça subia preta e grossa ao longe, na direção da vila. Ele deveria ter desconfiado, não fazia sentido terem enviado um destacamento tão grande, com oficiais tão renomados e poderosos para uma simples busca. Ele não podia culpar ninguém além de si mesmo. Ele queria tanto aquilo, que se enganara, se convencera que tudo estava normal. Ele finalmente conseguiria conhecê-los, tirar

suas dúvidas, comprovar suas teorias, tudo financiado pelo Império.

Assim que passou pelos pequenos muros que cercavam o vilarejo, virando no portão destruído, ele pôde ver os corpos amontoados, jogados um por cima do outro, formando um relevo macabro, sobre a praça central, mais alto do que todas as construções do lugar, no topo, cravando em um crânio com a mesma marca que aquele garoto esbanjava em sua testa, estava a bandeira do Império de Taur, ao lado do cubo negro sobre o fundo branco da santa igreja deles.

Kompas caiu de joelhos, lágrimas desciam no seu rosto sem que ele percebesse, o sentimento de culpa lhe tomando de forma avassaladora, um vazio que puxava todas as suas emoções para o desespero. O que ele acabara de fazer?

Ao longe, através de sua visão embaçada pelo choro, por entre os escombros do que antes deveria ter sido uma forma de prefeitura, ele viu uma capa prateada balançando ao vento, enquanto o então general Yunt Kruk, o Anjo Caído, vestido em seu uniforme negro, de adorno prateados, ladeado pelo então almirante Heracles, a Besta, em sua capa dourada e uniforme azul marinho, caminhavam em sua direção, conversando como se comemorassem a vitória.

Aquilo acabou de cegar Kompas, levando todos os seus sentimentos e deixando apenas a raiva. Ele avançou, furioso, cobrindo a distância em pouco tempo, atingindo o general com um forte tapa no peito e gritando a plenos pulmões:

– Como puderam fazer isso?!

Yunt Kruk recuou um pouco, seu rosto coberto por sangue e ferimentos da batalha recente. Na verdade, ambos os oficiais estavam seriamente feridos, mesmo sendo Elementais Nível Deus.

– Cumprimos nossas ordens... – Yunt Kruk respondeu sem paciência, falando entre seus dentes cerrados.

– Seus filhos da puta, como puderam?! Eles podiam ser a chave para a origem dos poderes Elementais... minha pesquisa... – As lágrimas voltaram correr pelo seu rosto, lágrimas de raiva. – ... vocês mataram crianças, velhos. Vocês são psicopatas!!!

O chão começou a tremer sobre seus pés, as esferas do seu colar se separaram, flutuando ao redor do seu corpo.

– Tem certeza de que quer fazer isso, Kompas? Olhe ao seu redor. – Yunt Kruk colocou sua mão direta no cabo da sua lendária katana, tirando alguns centímetros de sua bainha com o polegar esquerdo, o suficiente para que o metal aparecesse, emitindo um brilho ameaçador. Suas asas de ouro se expandiram, com manchas de sangue seco ainda se prendendo as penas rígidas...”

– Kompas, Kompas...? – Carovni tinha uma voz preocupada.

O mesmo sentimento de vinte anos atrás voltou a lhe invadir, a completa derrota, o peso do massacre, o rosto das crianças, homens e mulheres que lhe acompanhavam a cada segundo do seu dia, lhe lembrando dos seus pecados.

Ele chorava, seus olhos vidrados, voltando a realidade do momento, como alguém que revive um grande trauma. Kompas andou até o garoto, se acocorando para ficar na mesma altura que ele.

– Eu pensei que vocês tinham sido extintos... é tão bom vê-lo... Qual o seu nome?

– Eu sou Nomed, e você é um dos responsáveis por dizimar minha tribo.

Kompas tomou as palavras como um golpe fundo em seu coração e por um segundo achou que o garoto iria atacá-lo, mas algo pareceu frear seu impulso. Então ele apenas balançou a cabeça, em um cumprimento.

– Estou feliz em vê-lo, Nomed, feliz de verdade. E sim, fui um dos responsáveis, mas nunca tive a intenção. – Kompas retomou um pouco da compostura, voltando a ficar de pé enquanto se afastava um pouco.

– Intenções não mudam o fato.

– Você está certo... Sei que não é muito, mas ofereço-lhe minhas desculpas.

– Desculpas não são o suficiente. – O garoto tinha uma firmeza na voz, pouco natural para sua idade.

– Eu sei, e é por isso que vocês estão aqui... vejo que se juntou ao Exército Negro... Como estão Volkod e Carovni? – Ele virou seu olhar para o casal de adultos.

– Kompas... – Carovni, a mulher, retirou o capuz com o braço esquerdo,

revelando um rosto magro e ossudo, com traços grosseiros. Sua pele extremamente branca, contrastando com seus cabelos pretos como carvão. Veias despontavam por todo seu corpo, o sangue quase visível através da cútis clara. A cor de sua íris era ainda mais escura que a de seus cabelos e o branco dos seus olhos eram na verdade vermelhos. Ela olhava confiante para o velho explorador.

Volkod apenas acenou com a cabeça, mantendo seus olhos no chão ao retirar o capuz. Ele era extremamente parecido com sua irmã, com os mesmos traços grosseiros, no entanto, aqueles atributos lhe caíam melhor, sendo atrapalhado apenas por sua notável insegurança. Se você olhasse apenas para seus rostos, ficava claro que eram parentes, contudo, ele, por sua vez, tinha o cabelo prateado, cor de lua e seus olhos era completamente pretos, sendo impossível distinguir a íris, ou sequer saber para onde ele estava olhando.

— Nomed, deixe que eu falo. Você não pode negociar assim. Já te disse, você tem que aprender a se controlar.

O garoto virou seu olhar para ela, a raiva ainda queimando dentro dele. Ele se manteve em silêncio, então ela continuou.

— Nossos caminhos cruzaram o de Nomed alguns meses atrás e vimos uma oportunidade de ajudá-lo e de nos ajudar. Todos sabem a culpa que você carrega, pelo massacre da tribo Sesu'ed...

Carovni parou, dando tempo para que o peso das suas palavras chegasse a Kompas, mas ele se manteve impassível.

— Continue.

— Ele não é o único sobrevivente da tribo, Kompas. Seus pais foram mortos, mas Nomed tem uma irmã, que foi presa pelo Exército

Imperial. Sabemos que ela está presa em Zapor, a mais antiga das duas prisões imperiais...

Kompas a interrompeu, antes que ela finalizasse.

— ... Deixe-me adivinhar. Além da irmã dele, vários integrantes do Exército Negro também estão presos lá, no entanto, vocês não sabem onde fica Zapor, até porque ninguém sabe, então querem que eu diga a localização a vocês?

Foi Nomed quem respondeu, sua voz assumindo um tom frio.

— Isso não é tudo. Se você realmente se arrepende do que aconteceu, você virá conosco libertá-la.

Kompas olhou ao redor, como se certificando que aquilo era tudo que eles tinham para falar.

— Eu gosto da sua atitude, garoto. Eu posso até tentar descobrir onde fica Zapor, mas a localização das duas prisões imperiais são um dos segredos mais bem mantidos pelo Exército... — Kompas parou por um segundo, refletindo. — ... Mesmo que eu descobrisse, não se pode simplesmente atacar a Zapor, não vejo como guiá-los até a morte seria uma forma de pagar pelo que eu fiz.

— Você guiou o Exército Imperial até a nós e eles nos exterminaram, o mínimo que pode fazer é nos ajudar a salvar minha irmã.

— Você não entende, Nomed, dessa vez eu apenas estaria levando você até eles, para ser exterminado, ao invés de levar eles até vocês... o resultado seria o mesmo, no final das contas.

Carovni voltou a falar:

– Descubra a localização, que nós te diremos nosso plano, e aí você decide se vai se juntar a nós ou não. Nomed pode até não te perdoar se você não for conosco, no entanto, independentemente disso, você já terá nos ajudado a salvar mais uma pessoa da tribo, e teria o Exército Negro em dívida com você.

– Não existe bom pagador sem dinheiro, Carovni. Se eu fizer isto, é pelo garoto... e para ver se isso me ajuda a dormir mais fácil a noite.

Kompas levou seu olhar até Nomed, como se perguntasse se ele estava de acordo com o que Carovni estava dizendo. O garoto apenas balançou a cabeça em sinal de concordância, deixando os sentimentos estampados em seu rosto servirem como uma resposta mais elaborada.

– Ok, temos um acordo. Não posso dar um prazo para vocês, mas garanto que trabalharei com afinco. Antes disso, eu tenho uma condição.

– Qual?

– Vocês me dirão o plano primeiro e só então eu decidirei se revelo a vocês o local. Eu não quero começar outra guerra, mas se for para começar, que comece direito.

– Você sabe que é inevitável Kompas, este é o ano em que o filho perdido do Lobo chegará a maior idade... todos estão se movendo. Você deveria sair um pouco deste lugar, ver o mundo lá fora... – Carovni tinha um tom resiliente, de quem via a guerra como algo necessário. – As tensões estão mais elevadas do que nunca. Dentro das próprias fileiras do Exército Imperial se fala em revolução.

– Eu vejo muito mais daqui, do que vocês de lá, minha cara. Enfim,

estamos combinados. Assim que eu tiver algo, eu mandarei chamá-los, e não se preocupem, eu sei onde procurá-los. – Kompas abriu um sorriso travesso, antes de continuar. –... E Nomed, sei que é difícil acreditar, mas não tem um dia que eu não me arrependa, por mais que eu não soubesse das intenções do Exército Imperial, eu deveria ter desconfiado.

Kompas parecia estar falando do fundo do seu coração e Nomed até acreditava que ele falava a verdade, mas pouco importava. Desde que ele o ajudasse a salvar sua irmã.

— Nos ajude a salvá-la e serei eu a agradecê-lo...

MATAR É UMA FORMA DE NEGOCIAR

Dias atuais...

Laina abriu seus olhos devagar, tentando adaptá-los a fraca luz vinda de um único cristal, flutuando no meio da sala. Seu corpo doía por inteiro, ela podia sentir os ossos dos seus braços quebrados, e amarrados às suas costas, raspando um contra o outro de forma agonizante.

O cômodo em que ela se encontrava era simples, um cubo de pedra, sem nenhum móvel além da cadeira de ferro maciço, à qual ela estava amarrada. Seus pulsos estavam presos uma ao outro, por uma algema feita de matéria demoníaca, que impossibilitava a utilização seus poderes, sugando todo seu Sjö.

A haviam posicionado de modo que encarasse a parede, mas ela sabia que logo atrás dela, devia haver uma porta, e logo Balor, o Infernal, entraria por ela. A luta foi rápida e brutal, e quando ela se viu derrotada, com sua consciência se esvaindo aos poucos, ela pensou que nunca mais voltaria a abrir os olhos. No entanto, ali estava ela. Laina sabia que, se estava viva, era porque Balor queria algo, e se Balor queria algo, havia espaço para negociação.

Tudo estava indo tão bem... Por um segundo, Laina pensou ter nocauteado Aurea, no entanto, a garota conseguiu comprimir sua energia em uma pequena esfera, sem que Laina notasse, e a fez explodir, destruindo suas criaturas e metade da mansão.

Apesar disso, Laina sabia que seu maior erro fora se teletransportar com Aurea, deveria ter simplesmente aceitado a derrota e voltado para casa, no entanto, ela não sabia quando desistir. Esse sempre fora um dos seus defeitos, uma das razões que seu pai demorara tanto para começar a lhe confiar missões como aquela, e pelo visto, ele estava certo... No entanto, não tinha tempo para se lamentar, se ela queria sair dali viva, precisava se concentrar e se preparar para o que estava por vir.

Laina tentou se manter acordada, a dor vindo do seu corpo a ajudava a se manter desperta, mas os ferimentos e a exaustão estavam cobrando seu preço, sua consciência ia e vinha, em marés de sonhos conturbados e sofrimento, até que, finalmente, alguém abriu a porta.

Balor carregava uma cadeira igual à que ela estava sentada, como se o objeto não pesasse mais do que uma pena. Ele a posicionou na sua frente e se sentou, seu semblante calmo, como se aquilo não passasse de um encontro casual. Mas seus olhos revelavam uma dureza, uma fúria mal contida.

— Você tem bastante coragem... para tentar matar minha filha. Eu respeito isso, sabe! Pessoas que levam suas tarefas à frente, por mais impossíveis e aterradoras que elas possam parecer.

Laina sorriu, um sorriso cheio de sarcasmo, fazendo o corte profundo na sua boca se abrir ainda mais, e sangue descer pelo seu queixo, enquanto a dor penetrante ajudava seu cérebro a focar.

— Vamos General Balor, nós dois sabemos que eu não estaria viva se eu não tivesse nada a oferecer, então vamos direto ao ponto...

Balor apenas continuou a fitá-la por um tempo, estudando-a.

– Vocês do Clã Mirdar, são realmente impressionantes. – Laina ficou surpresa, com a velocidade que ele havia descoberto sua identidade, deixando transparecer em seu rosto. – Eu sei quem você é Laina Mirdar, mas o que eu quero saber, é quem contratou o Clã Mirdar para assassinar Aurea.

Laina se recompôs do seu escorregão, colocando a “máscara” de sarcasmo sobre seu rosto novamente. Aquele era o seu recurso mais efetivo, para esconder suas verdadeiras emoções.

– Se você sabe quem eu sou, você sabe que se eu te der esta informação, o clã irá me matar de uma maneira... – ela parou, buscando as palavras certas. – ...que eu preferiria evitar.

Balor se recostou na sua cadeira, fazendo um leve sinal de negação com a cabeça e voltou a colocar seu corpo para frente, posicionando a ponta do seu indicador da mão direita, diretamente sobre seu joelho esquerdo.

O cheiro de queimado a atingiu antes do que a dor, ela ouvia sua pele chiar, como uma carne em uma frigideira. A dor a fazia querer vomitar e desmaiar ao mesmo tempo, cada segundo parecia uma eternidade.

Quando a sensação passou, Balor tinha seu dedo inteiro enfiado no músculo da sua coxa e ele voltou a falar, seu olhar severo não dando espaço para que ela desviasse o seu:

– Do meu ponto de vista, você tem duas opções: ou você me diz o que eu quero saber e eu te ajudo a fugir do Império, ou você não me diz nada e você morre agora, com a garantia de que a sua morte vai ser bem pior do que a que o Clã Mirdar lhe daria.

— O que me garante... – Laina parou, tentando recuperar o fôlego.
-... que você não irá me matar uma vez que obtiver as informações?

— Nada, mas pelo menos você estaria optando por algo que tem a possibilidade de dar certo, ao invés de algo que se tem a certeza de que dará errado...

Laina tentava pensar, mas a dor na sua coxa embaralhava seus pensamentos, muito além do que estava acostumada. No auge dos seus trinta anos, ela nunca havia encontrado alguém tão implacável quanto Balor, o Infernal. Ele não parecia tirar nenhum prazer daquela tortura, muito pelo contrário, no entanto, seu olhar se mantinha inabalado, focado no resultado que ele precisava obter.

Ela não tinha nenhuma dúvida que aquele homem a mataria sem pensar duas vezes, mas não sabia se ele não a mataria independente do que ela fizesse. Ajudá-la a sair do Império lhe daria muito trabalho, do ponto de vista prático seria algo totalmente contraproducente, e Balor parecia ser uma pessoa extremamente pragmática, o certo a se fazer era matá-la ali mesmo, independentemente de sua resposta. Ela precisava continuar negociando, precisava se acalmar, isolar aquela dor em um compartimento de seu cérebro, para que seus pensamentos voltassem a fluir com mais clareza:

— Eu não quereria ter o Clã Mirdar como inimigo, você sabe muito bem do que eles são capazes... meu pai não deixaria de se vingar pela minha morte.

— Você ainda tem muito a aprender, Laina... talvez seja por isso que está nesta situação. O seu clã já é meu inimigo, vocês se tornaram meus inimigos a partir do momento que aceitaram este trabalho. Você vê, um homem na minha posição não pode se dar ao luxo de

aceitar este tipo de ataque a sua família... se eu o fizesse, antes que percebesse, teriam clãs de assassinos tentando invadir minha casa todas as noites...

Balor voltou a se recostar, tirando seu dedo do ferimento que havia criado. Ele a encarou por um par de minutos, deixando que seu pensamento clareasse um pouco, até voltar a se projetar para frente, levando, desta vez, a ponta do seu dedo indicador esquerdo, até o joelho direito de Laina.

Laina prendeu a respiração, se preparando para a dor, mas ela não veio. Balor deixou seu dedo ali, imóvel, como uma ameaça silenciosa:

— Então Laina Mirdar, qual vai ser a sua escolha?

Ela não tinha percebido, mas sua respiração continuava presa, sua cabeça funcionando a mil por hora, um turbilhão de pensamentos e ideias surgiam e eram descartadas. Ela não podia aceitar que aquelas eram as suas duas únicas opções, existia uma saída para aquela situação, sempre existia.

Laina sentiu sua pele esquentar novamente e seu fluxo de pensamento ser interrompido, subjugado pela dor, enquanto ela sentia o dedo de Balor penetrar sua carne centímetro a centímetro, queimando tudo em seu caminho. Tudo escureceu, e o vazio turbulento da inconsciência lhe invadiu.

Ela não sabia quanto tempo havia se passado, mas ali estava Balor, o Infernal, ainda sentado em sua frente, seu olhar e expressões estoicos lhe fitavam:

— Então, teve alguma ajuda divina em seus sonhos? – O general se debruçou para frente, encostando a ponta do seu dedo indicador

direito, ao lado do buraco que já existia em sua perna esquerda. – Qual das opções você escolhe?

– Nenhuma das duas... – Laina respirava pesadamente, sua energia sugada pelos ferimentos e pela algema de matéria demoníaca. Sua voz era baixa, mas trazia a confiança de alguém que achou a solução para um problema. Ela sentiu a pele de Balor começar a esquentar contra sua coxa, fazendo com que ela soltasse um grito, um leve tom de desespero na voz -... Espera, me escuta!

Balor continuou. Repetindo o processo, enquanto Laina gritava a plenos pulmões. Quando ele parou, ela tomou fôlego se concentrando para não desmaiar novamente, e falou antes que ele pudesse dizer qualquer coisa:

– Você é um general, isso quer dizer que você pode fazer uma promessa eterna. Faça uma promessa eterna comigo, de que me ajudará a fugir do Império, que lhe contarei tudo que quer saber!!!

Pela primeira vez, Balor parecia interessado, até impressionado com o fato dela saber sobre as promessas eternas.

– Como voc... você mesmo disse... – Laina abriu um sorriso ensanguentado. -... Clã Mirdar.

O general se recostou contra sua cadeira, coçando sua barba com a parte de trás de seu pulso, evitando sujá-la, enquanto refletia. Ele permaneceu naquela posição por um bom tempo. Laina lutava para manter a consciência.

Balor finalmente respondeu, sua voz séria, não deixando espaço para dúvidas.

— Esta é a única oferta na mesa, então escute bem. Eu farei uma promessa eterna com você, no entanto, além de me contar o que eu quero saber, você terá que jurar lealdade a mim para três trabalhos, quando estes trabalhos tiverem sido finalizados, eu te ajudarei a fugir do Império.

Ele deixou suas palavras pensando no ar, e voltou a apoiar suas costas, dando algum tempo para Laina pensar.

— Temos um acordo. – Ela sabia que aquela era a melhor opção que surgiria, por pior que parecesse.

— Você é esperta, garota. Agora espere aqui, retornarei em alguns instantes.

Balor saiu tranquilamente, sem olhar para trás.

Lágrimas caíram dos olhos de Laina, enquanto ela respirava pesadamente, uma sensação de alívio lhe invadindo, por pior que o acordo parecesse, ela sairia viva daquilo tudo, sem nenhum ferimento grave, e aquilo era muito mais do que esperara.

Balor demorou um bom tempo até voltar, trazendo em sua mão direita uma pequena caneta, feita de um metal avermelhado e inteiramente marcado por runas, que emitiam um leve brilho branco. Na sua mão esquerda, ele trazia um pedaço de pergaminho que não parecia ter nada de especial.

Balor a entregou o pergaminho, e ela pôde ver o corte na palma de sua mão, de onde ainda saía um pouco de sangue:

— Leia, e decida se irá assinar ou não. – Ele retirou uma das algemas que prendia seus braços, permitindo que ela os movimentasse, mas

garantindo que a matéria demoníaca continuava a sugar seu Sjä, a impossibilitando de usar seus poderes.

No pergaminho, escrito com o sangue do general, que emitia o mesmo brilho estranho da caneta, estavam os termos do acordo que eles haviam firmado alguns momentos antes: em troca de não ser morta e de contar com a ajuda de Balor para fugir do território do Império, Laina lhe contaria quem havia contratado o Clã Mirdar e tudo que sabia sobre o fato, além de ser obrigada a prestar três serviços para ele, sendo fiel ao general em todos os sentidos da palavra, enquanto durassem os três serviços. Como garantia de que a promessa eterna seria cumprida, ambos disponibilizavam suas vidas.

Ela leu com calma, e nada lhe pareceu estranho.

— Tudo certo, o que devo fazer agora?

Balor tirou um pequeno punhal do bolso de sua casaca, e o entregou para ela:

— Abra um corte na palma de sua mão, e derrame o sangue aqui. — Ele a entregou a estranha caneta, mostrando o seu fundo oco, onde deveria estar o tubo de tinta. — Quando acabar, é só você assinar ao lado da outra assinatura.

Seus braços quebrados doíam imensamente, mas ela fez como Balor instruiu, devolvendo sua adaga. Assim que acabou de assinar, o sangue no papel começou a brilhar intensamente, se espalhando pelo pergaminho até tomá-lo por inteiro, fazendo-o se dobrar sobre si mesmo, até parar de brilhar, formando um origami na forma de uma bela chave, vermelho escura, como se fosse feita de sangue coagulado.

O objeto caiu sobre seu colo, inanimado. Laina sentia seu corpo inteiro formigar intensamente, uma sensação estranha, diferente de tudo que já havia sentido, sensação esta que partia de sua mão direita, com a qual havia assinado o documento, e irradiava por todo seu corpo, fazendo-a sentir cada batida do seu coração intensamente, cada gota de sangue que fluía por suas veias. No começo, lhe pareceu uma sensação boa, de certa forma prazerosa. No entanto, foi se intensificando até se tornar algo pesado, cada batida do seu coração requeria um esforço gigantesco de seu corpo, cada respiração entrava como brasa em seu pulmão, até tudo parar repentinamente, com ela ofegante, sob o duro olhar de Balor, que não parecia ter sido afetado por aquela experiência.

— Podemos começar?

Laina ainda respirava ofegante, aquilo tinha sido diferente demais, como aquele homem podia estar tão inalterado... Ela sentia como se tivesse estado fora de seu corpo por alguns segundos, como se seu espírito é quem tivesse sentido tudo aquilo, e não sua carne.

— Podemos...

— Então, quem os contratou para assassinar minha filha?

Laina tinha um sorriso aliviado e confiante em seu rosto. Ela realmente havia conseguido sair viva. Talvez até virasse uma aprendiz de Balor, ter o apoio de alguém como ele podia garantir que nem precisasse fugir do Império. Na verdade, tudo que importava agora, era que estava viva, com todos os seus órgãos e membros inteiros e funcionando.

— Nós poderíamos fazer isso enquanto comemos e bebemos algo, pelo menos?

– Não. Eu preciso dessas informações agora, depois pedirei para alguém cuidar dos seus ferimentos e lhe dar o que comer e beber.

– Pode pelo menos me desamarrear?

Balor emitiu um som contrariado, mas a desamarrou, retirando suas algemas.

– Já estou perdendo minha paciência...

Assim que o artefato de matéria demoníaca caiu no chão, ela pode sentir seu Sjal voltar a fluir dentro do seu corpo. Uma sensação extremamente gratificante. A energia agia em seus ferimentos, trabalhando para curá-los.

– Obrigado. – Laina massageou seus braços, enquanto falava. – Não nos contrataram para assassinar sua filha, nos contrataram para sequestrá-la.

– E quem os contratou?

Laina deu uma risadinha, sentindo o gostinho e o prazer de uma pequena vingança:

– Você não vai gostar de saber quem foi...

– Diga logo. – Balor estava claramente impaciente, não demonstrando nenhum tipo de ansiedade ou curiosidade.

– ... o próprio Marechal Yunt Kruk!

Laina segurou sua respiração por um segundo, esperando a reação do General, mas ele apenas balançou sua cabeça em sinal de negação, decepcionado, antes de falar:

– Aquele filho da puta, realmente enlouqueceu...

– Eu não sei o que o levou a querer isso, ele não quis revelar suas motivações. O trabalho era apenas sequestrar a sua filha e a entregar no porto da cidade, uma embarcação estaria me esperando lá, para levá-la e eu sumiria na noite.

– Não se preocupe, eu sei os motivos dele... Como você sabia que esta era a única noite em que Aurea estaria sozinha na cidade?

– O pessoal do Marechal passou essas informações para o clã. Provavelmente algum agente seu está te traindo, mas eu não saberia dizer quem é.

Balor voltou a massagear sua barba, calado, a estudando.

– O que foi, não é como se eu pudesse mentir, não é? Afinal, sou fiel a você em todos os sentidos da palavra... – Laina abriu um sorriso sarcástico, coroando seu comentário, que foi completamente ignorado por Balor.

– E o garoto, você sabe alguma coisa sobre ele?

– Que garoto? – Até aquele momento, ela estava completamente esquecida da existência do garoto misterioso.

– O garoto que estava na caverna com vocês.

– Ah sim... Eu não sei nada sobre ele. Inclusive ele não estava nos meus planos, nem nos relatórios enviados pelo Marechal.

– Entendo... – Balor começou a se levantar lentamente, enquanto continuava a falar. – Existia algum plano de contenção para caso você falhasse, ou algum outro ataque planejado à minha família que

você tenha conhecimento?

Sua voz continuava calma, estoica e dura, sempre dura.

— Não, não que eu saiba... também não escutei nada que me levasse a crer que houvesse.

Balor abriu um sorriso genuinamente triste. Um sorriso que não combinava com aquele homem, um sorriso que parecia distorcer seu belo rosto.

— Então, Laina Mirdar, eu te peço perdão.

Com um movimento rápido, Balor sacou o punhal do seu bolso, e o cravou com força no coração de Laina, que sequer entendeu o que estava acontecendo.

A dor lhe invadiu, superando todas as outras dores do seu corpo. O ar lhe faltou aos pulmões, sua vista escureceu lentamente, seu corpo se encurvava sobre si mesmo, a sua mente corria, tentando entender o que havia acontecido: eles acabaram de fazer uma promessa eterna, Balor não podia fazer aquilo, ou morreria, mesmo assim, ele continuava de pé, seus olhos consternados, ainda sobre ela, sem demonstrar nenhuma dor...

— Bu'tur. Como está se sentindo? – Balor gritou para fora da sala.

Alguém entrou pela porta atrás dela, se posicionando ao seu lado direito, de frente para Balor. Pelo canto do olho, ela pôde ver uma mulher alta e negra como âmbar, vestida no uniforme do Exército Imperial. O cabelo em dreads, seu rosto parecia esculpido de tão anguloso, um olhar compenetrado, quebrado apenas por certo brilho de ansiedade.

Na sua mão esquerda, cinco bonecos de pano macabros pendiam de cada um de seus dedos, presos por fios de cabelo, de variadas cores e tipos. Já na palma da sua mão direita, estava um corte vermelho escuro, o sangue coagulado, ainda sem curativo. Ela havia sido enganada, seu coração literalmente parou. Logo ela, trapaceada por um truque barato, ela não podia acreditar que aquele pequeno erro estava lhe custando a vida. Na verdade, se ela fosse sincera, estava mais para uma sequência de erros.

— Até agora nada aconteceu. — A voz de Bu'tur, demonstrava uma apreensão controlada, enquanto ela elevava a sua mão esquerda até a linha dos seus olhos, a tempo de ver o primeiro dos seus bonecos de vudu queimar até virar cinzas. Balor e Bu'tur prenderam a respiração, esperando para ver o que iria acontecer e, para a tristeza deles, o segundo boneco, preso ao seu dedo anelar também pegou fogo, começando pela mãozinha esquerda e se espalhando rapidamente até transformá-lo em um pequeno bolo de cinzas no chão de pedra.

O processo continuou destruindo os bonecos do dedo médio e indicador, parando por alguns segundos, antes de destruir o vudu do polegar. Balor e a misteriosa mulher olharam alarmados um para o outro, antes que ela começasse a gritar, enquanto segurava seu braço direito e seu sangue se transformava em fogo, a começar pelo corte na sua mão direita.

Aquela cena arrancou um último sorriso de Laina — pelo menos ela levaria alguém consigo —, seu olhar já começava a baixar, não conseguindo se sustentar em um ponto fixo, olhando para o chão e os pequenos amontoados de cinzas pretas, quando um braço parcialmente carbonizado atingiu o chão com um barulho seco, e o cheiro de carne queimada de forma natural invadia suas narinas.

A curiosidade lhe deu forças para olhar uma última vez, a tempo de ver Balor cauterizando o coto do braço decepado de Bu'tur, enquanto ela continuava a chorar de dor. Ela não sabia porque, mas estava aliviada. No fundo, ela não queria que ninguém morresse junto a ela. Ela já havia matado o suficiente, e aquela doce ilusão foi o último pensamento que Laina Mirdar conseguiu formular antes de sua consciência mergulhar na escuridão eterna e infinita.

Bu'tur desmaiou com a dor e o dano sofrido. Um silêncio tenso prevaleceu, em que Balor sentia a energia da promessa eterna agir no corpo de Bu'tur, enquanto ele a fitava em seus braços, preocupado e impotente.

Ela abriu os olhos lentamente, um pouco desorientada:

– Você está bem? – Sua voz trazia uma preocupação sincera.

– Acho... acho que você conseguiu conter o avanço. – Bu'tur ofegava de dor, mas sua voz parecia aliviada.

– Tem certeza, que não parou?!

– Ainda sinto queimar, lentamente. Mas é algo suportável.

– Por favor, sente-se. – Balor a colocou na cadeira onde se sentara, poucos minutos antes.

– Consumiu cinco dos meus vudus e quase consumia a minha vida.

– Ela estava fraca, mas continuou falando. – Existem cinco celas no corredor da morte de Zapor, com pilhas de cinzas no lugar de corpos neste momento.

– Por precaução, faria mais cinco bonecos vudus. Aparentemente a

promessa eterna vai continuar a consumir seu corpo lentamente. Se você transferir este dano com seu poder, nós ganharemos tempo para arrumar uma solução. Me desculpe Bu'tur, eu não sabia que isto iria acontecer, pensei que consumiria uma vida, mas estava enganado. Acredito que só parará quando tiver consumido o seu sangue por completo. – Balor estava genuinamente preocupado e arrependido.

– Eu sabia dos riscos, Balor, você não me forçou a nada.

– Eu prometo que encontrarei uma solução para isso, custe o que custar...

– Eu agradeço a preocupação...sei que você irá achar, mas tenho que lhe perguntar: valeu a pena, tudo isso?

Balor olhou para ela, sem saber direito o que responder. Como dizer que a vida dela, valia aquela informação?!

– Você me conhece, Bu'tur, então serei sincero. Do ponto de vista pessoal, não valeu a pena, nem um pouco. Do ponto de vista prático, sim, valeu...

Ela o fitou por um longo tempo, acalmando sua respiração, seu olhar uma mistura de admiração e tristeza por aquele homem.

– Me desculpe Bu'tur... – Balor desviou seu olhar para o chão, envergonhado.

– Já disse, eu sabia dos riscos. Quais os próximos passos?

Balor manteve seu rosto virado para baixo por algum tempo, até finalmente voltar a fitá-la, a costumeira dureza de volta aos seus olhos dourados:

— Primeiro você irá descansar, depois partirá para Zapor. Solicitarei a permissão especial ao conselho. Enquanto a permissão não chega, providencie para que o corpo dela seja entregue ao Clã Mirdar, com o punhal ainda em seu peito... – Balor parou, massageando sua barba, antes de voltar a falar. – ... contrate o melhor serviço funerário do Império, e certifique-se que todas as despesas sejam pagas por mim.

Bu'tur, acenou com firmeza, o vigor voltando aos poucos. Ela apertou seu ombro ferido ao tentar disfarçar sua careta de dor.

— Tem certeza, que quer pagar pelos serviços funerários?

— Tenho. Eles entenderão a mensagem e o aviso.

— Não entendi. Qual é a mensagem e qual é o aviso?

Balor sorriu, orgulhoso de sua comandada.

— A mensagem é, que tê-la matado não foi nada pessoal, apenas negócios, assim como eles tentaram sequestrar minha filha, por isso, como uma forma de respeito, arcarei com as custas do funeral. A adaga é o aviso: não ousem atentar contra mim ou minha família novamente, pois matarei o clã inteiro, um por um.

— Se me permite perguntar, o que você irá fazer?

— Parto depois de amanhã para a capital, Marabor. Começarei a usar esta informação que tanto nos custou. Farei algumas reuniões cruciais. Mas antes, preciso preparar o “terreno”. – Balor deu uma última olhada no corpo sem vida de Laina, antes de continuar. – E ainda tenho alguns assuntos pendentes em Lysmat.